

Narrativas sobre a cidade: entre o medo e o fascínio

Narrativas en la ciudad: entre el miedo y la fascinación

Narratives on the city: between the fear and the fascination

*Jeana Laura da Cunha Santos*¹

Resumo *A autora propõe-se a trazer à tona um instante pioneiro de experimentação da passagem da casa à rua, na virada do século XIX para o século XX, através da narrativa de dois tipos benjaminianos: o “fisiologista” e o “flâneur”. Mais tarde, seria a vez de o cronista e o jornalista documentarem a cidade, seus tipos, hábitos, costumes, notícias. Tal passagem da casa à rua deu-se com um misto de medo e fascínio, registrada na perspectiva original de tais escribas, que elucidariam, através de seus textos, algumas percepções novas no imaginário da época.*

Palavras-chave: *História do Jornalismo; Literatura; Narrativa urbana*

Resumen *La autora se propone a traer a la tona un instante pionero de experimentación del pasaje de la casa a la calle, en la vuelta del siglo XIX para el siglo XX, por medio de la narrativa de dos tipos benjaminianos: el “fisiologista” y el “flâneur”. Más adelante, sería a la vez del cronista y del periodista documentar en la ciudad, sus tipos, sus hábitos, costumbres, noticias. Tal pasaje de la casa a la calle se dio con un compuesto de miedo y encanto, registrado en la perspectiva original de tales escribanos que aclararían, a través de sus textos, algunas nuevas percepciones en la imaginaria del tiempo.*

Palabras-clave: *Historia del Periodismo; Literatura; Narrativa urbana*

¹ Doutora em Literatura e pós-doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. e-mail: jeanasantos@terra.com.br.

Abstract *The author proposes to bring up a pioneer instant of experimentation of the passage from the house to the street, in the turn of the XIX century to the XX century, through the narrative of two benjaminian types: the “physiologist” and the “flâneur”. Later, it would be the time of the columnist and the journalist to register the city, its types, habits, customs, notices. Such passage from the house to the street took place with a compound of fear and allure, registered in the original perspective of such scribes who would elucidate, through its texts, some new perceptions in the imaginary of the time.*

Keywords: *History of the Journalism; Literature; Urban Narrative*

Data de submissão: 18/5/2014

Data de aceite: 25/7/2014

Da casa à rua: a antipatia nos protege

Houve um tempo em que habitar as ruas era algo ao mesmo tempo novo e estranho, e o cidadão que se aventurasse a transpor os limites da casa fazia-o com um misto de medo e encantamento. De acordo com Benjamin (1994, p. 43), o medo refletia-se na atitude que a burguesia tinha de buscar uma compensação pelo desaparecimento dos vestígios da vida privada na cidade grande, apropriando-se cada vez mais de seus artigos e acessórios caseiros, fixando sua marca nos objetos, enfeitando-os, cobrindo-os, tornando a casa um reduto apropriado contra a ameaça da perda de identidade.

Georg Simmel, em “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903), compara a subjetividade do habitante da cidade pequena à do habitante da cidade grande, concluindo que a última estimula o caráter *blasè*, que é quando os nervos se acomodam aos conteúdos e à forma de vida na cidade grande, renunciando a reagir a ela. Segundo Simmel (2005), o habitante da cidade grande, exposto a tantos estímulos novos (trânsito de veículos, profusão de gente dos mais variados tipos etc.), e à desconfiança perante o desconhecido que passa fugazmente e que mal se conhece, adota uma atitude espiritual de reserva, de “embotamento” frente às coisas e às pessoas.

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social –, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. Com isso se compreende sobretudo o caráter intelectualista da vida anímica do habitante da cidade grande, frente ao habitante da cidade pequena, que é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento (SIMMEL, 2005, p. 578).

Essa reserva assumiria várias facetas: indiferença, aversão, estranheza e até repulsa. Diante dos perigos da cidade grande, “a antipatia nos

protege”; “ela realiza as distâncias e os afastamentos” (SIMMEL, 2005, p. 583). Assim, na densa multidão da cidade grande, a proximidade corporal torna explícita a distância espiritual. “[...] Em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande” (idem, p. 585). Para o autor, o que num primeiro momento poderia parecer “dissociação” é, na verdade, uma forma elementar de “socialização”, uma vez que tal reserva garante ao indivíduo uma certa liberdade pessoal, ao mesmo tempo que também mantém a vida social.

Conforme Simmel (idem, p. 588), se, de um lado, a vida se torna mais fácil na cidade grande (confortos das técnicas, dos lazeres etc.), de outro, ela se compõe cada vez mais de conteúdos e programas impessoais, o que levaria o indivíduo ao desafio de fazer valer a própria personalidade nas dimensões da vida na cidade grande. Assim, para salvar o que há de mais pessoal, seria preciso exagerar a particularidade para que pudesse ser audível até para o próprio indivíduo. As consequências dessa atitude seriam as mais “tendenciosas esquisitices”, as “extravagâncias específicas da cidade grande”, para que o indivíduo pudesse ser diferente, pudesse se destacar e ser notado na multidão. Tais “extravagâncias, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, seriam o único meio que o indivíduo teria de resguardar para si alguma autoestima” (idem, p. 587).

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994) também aprofundaria o assunto no livro *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, escrito em 1939. Nele, registra a saída do indivíduo da casa burguesa para se aventurar nas ruas de Paris na metade do século XIX em diante. Benjamin transcenderia a perspectiva de Simmel: mais do que contrapor o espírito do habitante da cidade pequena ao da cidade grande, procuraria decifrar essa última a partir da poética de quem a vê de dentro. Resgatou, então, em alguns escritores do período, sobretudo em Baudelaire, a experiência de transpor os limites não mais do campo, mas da casa burguesa, em direção ao bojo de uma rua cada vez mais efervescente. De acordo com ele, o antigo sentimento romântico de paisagem converte-se agora na paisagem urbana, e os parisienses passam a transformar as ruas

em interiores. A cidade e a multidão enquanto tema se impõem a vários literatos do século XIX: Charles Baudelaire, Edgar A. Poe, Victor Hugo, Marcel Proust. Muitos desses escritores aspiravam simbolicamente à conquista da rua.

Como se vê, a rua converte-se, então, tanto no elemento que ameaça quanto na musa que seduz. Se o termo “afetividade” designa a experiência que o ser humano tem perante determinadas vivências que acontecem tanto no mundo exterior como em si próprio, agradáveis ou desagradáveis, poderíamos dizer que a relação com a cidade desenvolve-se nesta dupla mirada. Cabe aqui, neste artigo, desvelar nas narrativas pioneiras sobre a cidade um campo válido de afetos e experiências in-crustadas nas camadas do tempo tal qual distingue o “geólogo as camadas de rocha” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

O fisiologista de Paris: a arte de tornar o estranho familiar

Se os primeiros habitantes da cidade viam a rua com desconfiança, não demoraria para que o medo cedesse lugar à vontade de frequentá-la, misturando-se cada vez mais à massa que nela circula. “Ela (a massa) jaz como um véu à frente do *flâneur*: é a última droga do ser isolado. [...] ela apaga todos os vestígios do indivíduo: ela é o mais novo asilo do proscrito” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Justo os vestígios de identidade que, conforme Benjamin (idem, p. 43), a burguesia tanto procuraria preservar, confinando-se no interior da casa, apropriando-se cada vez mais de seus artigos e acessórios caseiros, fixando sua marca nos objetos, enfeitando-os, cobrindo-os. Conforme o autor, a burguesia esmerar-se-ia em produzir capas e estojos para chinelos, relógios de bolso, termômetros, talheres e guarda-chuvas. Para Martín-Barbero (2009, p. 78), “o *interior* se refugia na residência, um interior que mantém o burguês em suas ilusões de poder conservar para si, como parte de si, o passado e a distância, as duas formas do distanciamento. Daí que seja no interior onde o burguês dará asilo à arte, e que seja nela onde busca conservar suas pegadas”.

Entretanto, contra os esforços de quem se via ameaçado pela cidade, alguns se entregariam sem reservas a ela.

Único campo válido da experiência moderna, a cidade é o corpo onde se inscrevem emoções e paixões, experiências intransmissíveis e singulares que o poeta-alegorista canta. A cidade é um mundo em miniatura – *mônada* da modernidade, e como toda mônada benjaminiana é cristalização de tensões: passagem de um espaço flutuante entre o interior e o exterior das *Passagens*, o real e o irreal, a desvalorização mercantil de tudo e a nova aura do imprevisto (MATOS, 1989, p. 72).

A relação com a cidade só poderia dar-se, então, nesse duplo sentido: estranhamento e desconforto, de um lado; acolhimento e fascínio por outro. De um lado, os gestos são maquínicos, o olhar perde a capacidade de olhar, “as pessoas se comportam como se só pudessem se exprimir reflexivamente” (BENJAMIN, 1994, p. 50), tal qual a multidão descrita por Poe. Todavia, por outro lado, o indivíduo desalojado da casa que já não mais o conforta, encontra refúgio na multidão que o acolhe. A cidade passa, então, a fascinar e adquirir alma. “A rua tem alma”, diria João do Rio em *A alma encantadora das ruas* (2011). A cidade embriaga, diria Benjamin.

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes, e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua (BENJAMIN, 1994, p. 186).

Habitar a cidade, percorrê-la e traduzi-la era o desafio que se colocava. Daí a importância da “literatura panorâmica”, que teve seu auge no século XIX, em Paris. Conforme Benjamin (idem, p. 33), dentro deste gênero havia os fascículos em formato de bolso chamados “fisiologias”, que se ocupavam da descrição de tipos humanos que circulavam nas feiras de Paris, desde o vendedor ambulante até o homem elegante que frequentava a ópera. Mais tarde, dedicar-se-iam à consagração da cidade, perfilando suas ruas, seus panoramas (*Paris à Noite, Paris à Mesa, Paris a Cavalos*) e seus costumes (*Fisiologia do Casamento, Fisiologia do Gosto, Le diable à Paris...*).

A partir das fisiologias, a vida pequeno-burguesa – com seus tipos, hábitos, costumes, lazeres, profissões – era passada em revista. O objetivo das fisiologias era aplacar o mal-estar da vivência na grande cidade e, por isso, precisava ser leve e inofensiva, uma vez que a multidão se assustava pela sua impessoalidade, a vida era cada vez mais pública, e o vizinho, sempre ameaçador. Diante de tal desconforto, era importante dar às pessoas uma imagem amistosa umas das outras, e caberia aos fisiologistas, então, conhecer e catalogar a natureza humana, adivinhando a profissão, o caráter, a origem e o modo de vida dos transeuntes (BENJAMIN, 1994, p. 36). Ao fazerem isso, “então a vida na cidade grande não seria nem de longe tão inquietante como provavelmente parecia a cada um” (idem, p. 37).

Mas, conforme o levantamento de Benjamin, os fisiologistas seriam logo ultrapassados, e “à literatura que se atinha aos aspectos inquietantes e ameaçadores da vida urbana estava reservado um grande futuro” (idem, p. 38). Essa literatura que surgiu depois teria a ver com as massas, mas atuaria de modo diferente das fisiologias. A ela não importaria tanto a determinação de tipos, mas o quanto um tipo pode se esconder na massa da cidade grande: “Em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo de conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado” (idem, p. 38). Eis aí a origem do romance policial.

O romance policial e a corrente realista: a arte de tornar o familiar estranho

Para Benjamin (1994), o romance policial também colabora na fantasmagoria da vida parisiense. Não glorifica o criminoso, mas sim o terreno onde se desenrola a caçada: a cidade. Alguns exemplos: *Os moicanos de Paris* (Balzac), *Os mistérios de Paris* (Féval), *Os crimes da Rua Morgue* (Poe), *A carta roubada* (Poe), *O homem na multidão* (Poe).

O conteúdo do romance policial seria a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande e o aproveitamento de informações jornalísticas no desvendamento de crimes. “Um homem se torna tanto mais suspeito na massa quanto mais difícil é encontrá-lo”

(BENJAMIN, 1994, p. 45). Essencial para tal fantasmagoria foi o surgimento da luz a gás: “O fenômeno da rua como interior [...] é difícil de separar da iluminação a gás” (idem, p. 47). Surge o noctambulismo, que é a atitude de se vagar à noite sem rumo certo. No conto de Poe, “O homem na multidão”, podemos acompanhar a importância dessa luz na fantasmagoria da cidade e nas faces dos transeuntes.

[...] a luz dos lampiões a gás, débil de início, na sua luta contra o dia agonizante, tinha por fim conquistado ascendência, pondo nas coisas um brilho trêmulo e vistoso. Tudo era negro mas esplêndido — como aquele ébano ao qual tem sido comparado o estilo de Tertuliano. Os fantásticos efeitos de luz levaram-me ao exame das faces individuais, e, embora a rapidez com que o mundo iluminado desfilava diante da janela me proibisse lançar mais que uma olhadela furtiva a cada rosto, parecia-me, não obstante, que, no meu peculiar estado de espírito, eu podia ler frequentemente, mesmo no breve intervalo de um olhar, a história de longos anos (POE, s.d., p. 134).

Quando surgiu a luz elétrica, muitos adeptos do gênero lamentariam.

Outro gênero que emergiu como uma escrita da cidade foi a corrente realista, que percorreu a literatura ocidental do século XIX e começo do XX. Segundo Ponte (2005, p. 43), tal literatura ergue-se contra a vida idealizada do Classicismo e do Romantismo através da descrição como forma de representação da realidade. Alguns autores: Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Émile Zola, Leon Tolstói, Henry James... Descrevendo “a vida tal como ela é, estimulando a percepção do mundo real, das crises privadas escondidas nos segredos dos confortáveis lares burgueses às crises públicas que abalavam as cidades e os poderes” (PONTE, 2005, p. 43), aproximar-se-ia do jornalismo emergente do século XIX.

Entre o *flâneur* e o jornalista: o cronista²

Mas antes de chegar ao jornalismo, precisaríamos dissecar um tipo que derivou do fisiologista e que veio dar no jornalista moderno: o *flâneur*.

² Este subtítulo recupera e atualiza algumas questões já tratadas por esta autora no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2012.

Afinal, para Benjamin, a base social do jornalismo é a *flanêrie*, e já se verá o porquê.

Esse tipo tem sua origem também em Paris do início do século XIX, quando foram construídas cerca de 30 galerias na cidade. Benjamin (1994, p. 35), que formulou um estudo sobre tal tipo, descreveu as galerias como caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore que passavam entre blocos de casas como se fosse um mundo em miniatura. Os mais elegantes estabelecimentos comerciais se estendiam ao longo dessas vias, e por ali as pessoas podiam passear, olhar, comprar, em suma, flunar.

Lendo a crônica como uma metáfora da galeria, diríamos dela que é esta zona de contemplação do espaço urbano, que tira o pé do território doméstico do livro (a casa da palavra) para se aventurar no espaço arruado do jornal. A crônica personifica na forma o esquadramento dos sentidos do habitante da cidade, que tem sua maneira de olhar alterada pelo movimento apressado do passo, dos transportes públicos, das vitrines, dos letreiros, dos assuntos modernos que se produzem no bojo da rua. “Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me a casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos”, escreveu Machado de Assis em *A Semana*, do dia 2 de janeiro de 1889 (GLEDSON, 1996, p. 190).

Entretanto, ninguém teria morado mais na rua do que João do Rio, considerado por muitos o primeiro repórter do jornalismo brasileiro. Além de as próprias ruas do Rio de Janeiro terem sido perfiladas por sua pena, descrevia os modos de vida de seus frequentadores, aqueles que também faziam das calçadas seu lar. Tipos parecidos com ele próprio, que se dizia um *flâneur*, um “pedestre da poesia da observação”: “Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 33).

João do Rio, enquanto *flâneur* e fisiologista da rua, documentaria as “pequenas profissões ignoradas”: o cigano, o trapeiro, o apanha-rótulos, o selista, o caçador, o ledor, o tatuador, o vendedor de orações, o mercador de livro, o pintor da cidade, o velho cocheiro.

Oh! Essas pequenas profissões ignoradas, que são partes integrantes do mecanismo das grandes cidades!

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma (idem, p. 60).

Interessante aqui constatar que a arte de descrever tipos urbanos, assim como faziam os fisiologistas em Paris ou o próprio João do Rio no contexto brasileiro, se converteu num gênero jornalístico que está presente nas páginas dos jornais até hoje: o perfil. Conforme Vilas Boas (2003), trata-se de uma narrativa/descritiva de curta duração, que enfoca o protagonista de uma história e que teve seu surgimento a partir de 1930, quando jornais e revistas preocuparam-se em retratar figuras humanas. Em fins de 1930, o jornal *New Yorker* contratou Joseph Mitchell, que se tornou importante por perfilar, tal qual João do Rio e suas “pequenas profissões ignoradas”, estivadores, índios, operários, pescadores, agricultores... Muito embora na atualidade os perfis se direcionem quase sempre a celebridades da mídia, ainda há quem resgate tipos anônimos, buscando no trivial alguma grandeza.

Como o fez Ricardo Kotscho (1986, p. 46) ao descrever “um velho palhaço”:

Num acanhado banheiro improvisado de camarim, ele seguia calmamente seu ritual: de camiseta de malha e ceroulão de rendas, vai pintando o rosto com um cuidado de quem se prepara para a estreia. Depois, lava as mãos, calça um sapatão debochado já meio gasto, veste a camisa estampada de azul e verde, a calça bambolê, coloca a gravata-borboleta – uma borboleta, literalmente – e ajeita sobre as orelhas seu grande trunfo – um complicado engenho acoplado a uma seringa, que daqui a pouco o fará chorar escandalosamente, esguichando água sobre as crianças.

A arte de perfilar de Kotscho aproxima-se do ato desprezioso de João do Rio ao trazer à luz personagens brasileiros que viviam à margem, como os “músicos ambulantes”:

Músicos ambulantes! Um momento houve em que todos desapareceram, arrastados por uma súbita voragem. Os cafés viviam sem as harpas clássicas e nas ruas, de raro em raro, um realejo aparecia. Por quê? Teriam sido absorvidos pelos cafés-cantantes, dominados pelos prodígios do gramofone — essa maravilha do século XIX, que não deixa de ser uma calamidade para o século XX? Não. Fora apenas uma súbita pausa tão comum na circulação das cidades (JOÃO DO RIO, 2011, p. 111).

É na cidade que tais tipos habitam. E é na cidade que o cronista/jornalista, enquanto *flâneur*, busca o insumo para produzir sua crônica ou perfil para, então, vendê-los. Como dissemos antes, o próprio Benjamin (1994, p. 225) declararia que “a base social da *flânerie* é o jornalismo. É como *flâneur* que o literato se dirige ao mercado para se vender”. Sua força de trabalho seria o tempo que gasta na contemplação dos bulevares. As novas experiências na cidade, a sua matéria-prima. O espetáculo da cidade o inebria e converte-se em mercadoria para consumo desta massa através das páginas volantes do jornal.

A cidade moderna e os novos meios de comunicação de massa ajudaram a mudar o olhar estético da contemplação para a distração. A mobilidade do olhar e as oscilações entre imersão e afastamento ajudam a desenvolver uma atitude na qual a paisagem urbana passa a ser percebida como fragmentada e alegórica, ao mesmo tempo em que a vida cotidiana sofre um processo de estetização. A muito comentada natureza distraída da experiência moderna tem, portanto, seu precursor no olhar móvel do *flâneur* (FEATHERSTONE, 2000, p. 195).

Um olhar que é recuperado, então, pelo jornalista.

Como se vê, tanto o fisiologista e o *flâneur* quanto a forma pioneira do jornalista (o cronista) percorrem a cidade, deixando-se tragar pelo coletivo (“As ruas são a morada do coletivo”). Foram eles que, na ânsia de perfilar a vida corriqueira das cidades, transformaram os muros em escrivinhas e as bancas de jornal em bibliotecas (BENJAMIN, 1994, p. 194).

Andar pelas ruas da cidade moderna procurando documentá-la é, assim, tarefa do fisiologista, do *flâneur*, do cronista e do jornalista. Eles desenvolveriam o que Certeau definiria como uma retórica da caminhada,

que seria similar ao ato de falar. “O ato de caminhar está para o sistema urbano, como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (CERTEAU, 1994, p. 177). Arantes (2000) também vê similitudes entre os passos do caminhante e a enunciação, uma vez que ambos costuram pontos desconexos e aleatórios da paisagem, ordenando diferenças, construindo sentidos.

Da mesma forma, para Certeau (1994, p. 177-178), o caminhante atualiza a ordem espacial composta de possibilidades e proibições. Ele transforma em outra coisa cada significante espacial, selecionando, deslocando, desviando, atualizando os lugares, suas permissões e interditos. “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’” (idem, p. 179), não se podendo, portanto, reduzi-la a seu traçado gráfico. A caminhada seria, então, um espaço de enunciação, o que faria com que o autor visse paralelismos entre a enunciação linguística e a enunciação pedestre. Tal enunciação criaria “algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da ‘língua’ espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles” (idem, p. 178).

Featherstone (2000, p. 186), na mesma direção, assinala que o *flâneur* não seria apenas aquele que perambula pela cidade. A *flânerie* seria um método de leitura para extrair sentidos da cidade e também um método de escrita, de construção dos textos. Algo sobre o qual Benjamin entendia muito bem, uma vez que não só investigava a cidade, mas também a usava como princípio organizador de seu material: “O texto é a cidade” (FEATHERSTONE, 2000, p. 186). Em *Rua de mão única*, Benjamin levaria essa premissa ao extremo ao montar o livro com uma série de aforismos que lembram as ruas de uma cidade: “posto de gasolina”, “oculista”, “antiguidades”, “número 13” etc.

E se, em Paris, a literatura panorâmica adquiria *status*, no Brasil, a crônica surgiria para aplacar os sentidos e se configurar como uma escritura ágil, calcada no modelo de fragmentação, voltada agora para as ruas, sincronizada com os modernos tempos.

A cidade passa, então, a ser recuperada pelo cronista, que age como um *flâneur*. E a crônica alegorizaria na sua própria forma (fragmentada, efêmera, distraída), e também nos assuntos que documenta, a experiên-

cia moderna de quem superou o medo para, enfim, conquistar a rua.

E foi assim que os fisiologistas, os *flâneurs*, os cronistas e os jornalistas documentaram o significado e a essência da rua na modernidade, levando a sugestão de Machado de Assis ao pé da letra: “Não nos envergonhemos de viver na rua; é muito mais fresco” (ASSIS apud PAIVA DE LUCA, 1998, p. 232).

Considerações finais

Se pensarmos que afetividade, objeto principal dessa edição, provém do latim *affectus*, que significa tocar, comover o espírito, este artigo procurou dissecar o espírito ou a vida mental (conforme Simmel) e a experiência (conforme Benjamin) de quem ousou transpor os limites da casa para se aventurar na rua. Uma rua que, se num primeiro momento ameaçava e causava desconfiança, passou a encantar. Não sem passar pela pena dos primeiros escribas da cidade (primeiro o fisiologista, depois o *flâneur*), que assumiriam novas configurações (com o cronista e depois com o repórter) e seriam incansáveis na arte de perfilar tipos, tribos, hábitos, costumes, modas, transportes, tudo o que se representa no palco multifacetado das grandes cidades.

Tanto os gêneros pioneiros, por vezes densos como a poesia de Baudelaire, por vezes frívolos como as fisiologias de Paris, quanto suas derivações (o romance policial e a corrente realista que desembocariam na notícia de *fait-divers* ou nos perfis jornalísticos modernos) são tentativas de aplacar os riscos e ameaças da vida nas grandes cidades, traduzindo-as, trazendo à luz seus becos e profundezas escuras. Dissecando a cidade, mapeando seu traçado, trazendo à luz a sua face oculta, tais “escribas de coisas miúdas” talvez procurassem aplacar a ameaça subscrita no território a um só tempo estrangeiro e familiar que é o espaço da rua.

Se chegaram a conquistá-la um dia, talvez ela volte, contemporaneamente, a não mais nos pertencer. Voltamos, na virada do século XX para o XXI, a buscar refúgio no espaço intermediário do *shopping center*, a galeria tardo-moderna, mundo controlado em miniatura. Contra a crônica dos bulevares, a crônica policial a dar vazão aos fatos de uma cidade cuja

violência urbana só faz crescer. A notícia sensacionalista que disputava o espaço da opinião – e que procurava ser um sucedâneo anestésico do medo das multidões e do automatismo das grandes cidades – nos primeiros jornais volta a figurar na profusão de publicações sensacionalistas e nos programas de cunho policialesco voltados para as massas.

A utopia da cidade tomada e vencida dá lugar à desterritorialização.

A cidade torna-se policêntrica, perde seu centro único como referencial, e as periferias, já multiplicadas, agregam-se numa massa contínua e circundante. Novo arranjo moldado à cidade-corredor, às zonas de percurso, à liberação dos fluxos, de pessoas, de carros, de negócios, de informação, de imagens (SILVA, 2009, p. 105).

Uma cidade assim volta a ameaçar. E o *repórter-flâneur* “bate em retirada” e dá lugar ao gerenciador das informações em tempo real, que acumula em si todas as etapas da produção jornalística, e que já não habita as ruas, mas se recolhe, assolado pelo frenesi do instantâneo, no gabinete ou em casa. No espaço domesticado das quatro paredes, ele recebe informações providas dos centros de decisões por meio dos *releases* (textos enviados pelos assessores de imprensa), das matérias prontas das agências de notícias, nacionais ou internacionais, das informações ciberespaciais, de bancos de dados, de redes sociais sem que necessariamente seja testemunha primordial dos acontecimentos.

E aqui ligam-se as duas pontas, mediam-se as duas fronteiras temporais e espaciais da escrita que se produz a partir das ruas e que para ela retorna. Se, num primeiro momento, este artigo se debruçou sobre o encantamento que tinham os tipos urbanos que começaram a documentar as ruas (o fisiologista, o *flâneur* e o cronista), caberia agora uma investigação da sua faceta agônica. Procurando entender a história desse encanto/desencanto, na perspectiva dos jornalistas antigos e atuais, busca-se entender uma forma de imaginação humana comum a quem escreve e também a quem lê.

O *jornalista-flâneur* catalogava os espaços e os tempos da cidade partida e entregava-os no texto partido da crônica nas páginas também partidas do jornal. Já o *jornalista-multifunção* (o que faz tudo: filma, dirige,

ilumina, escreve, edita, bloga etc.), vivendo numa época de informações previsíveis enviadas pelos centros de poder às redações, desabita cada vez mais a cidade, bate em retirada, revisitando-a sazonalmente.

E assim, infelizmente, o afeto que o *flâneur* nutria pela rua do começo do século XX cede lugar, no século XXI, ao medo. A cidade moderna, com seus excessos de gente, congestionamentos de veículos, violência urbana, poluição das mais variadas, converte-se novamente na imagem que ameaça, angustia e traz incertezas.

Este artigo propôs, então, olhar o jornalismo tardo-moderno para além de seu possível papel de meio de informação e de formação de uma opinião pública esclarecida. Pretendeu buscá-lo na sua mirada inaugural sobre a metrópole, sobre o espaço social partilhado na grande cidade e os afetos e experiências que dele se derivaram. Abordar os meios de comunicação de massa é fazer uma análise do jornalista (antes o *flâneur*, hoje o repórter) e de seus textos (antes a crônica, hoje as notícias por segundo) como produtos culturais que desvelam um tempo e um espaço que transcendem o próprio jornalista e que revelam muito sobre todos nós.

Referências

- ARANTES, A. A. A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência. In: ARANTES, A. A. (Org.). *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FEATHERSTONE, M. O *flâneur*, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, A. (Org.). *O espaço e a diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 186-208.
- GLEDSON, J. (edição, introdução e notas). *Bons Dias! crônicas (1888-1889)* Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.
- JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. 5ª reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- KOTSCHO, R. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos.)

- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- MATOS, O. C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PAIVA DE LUCA, H. H. (Org.). *Balas de estalo de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 1998.
- POE, E. A. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- PONTE, C. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.
- SILVA, G. *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos*. Florianópolis: Insular, 2009.
- SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.
- VILAS BOAS, S. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.